

JEAN GRONDIN, *Hans-Georg Gadamer: eine Biographie*, Tübingen: J. B. Mohr (P. Siebeck), 1999, 438 p.

Jean Grondin, atualmente Professor na Universidade de Montréal, pertence à terceira geração dos discípulos de Gadamer, tendo completado sua formação nas Universidades de Heidelberg e Tübingen. Além de outras obras sobre a Filosofia hermenêutica, como a *Einführung in die philosophische Hermeneutik*, 1991 (tradução em curso na Editora da Unisinos, São Leopoldo, RS), é autor de um estudo sobre o conceito de verdade em Gadamer (*Hermeneutische Wahrheit? Zum Wahrheitsbegriff Hans-Georg Gadamer* (1982). A presente biografia é uma homenagem antecipada aos 100 anos do filósofo, a serem comemorados no próximo ano, e que lhe foi oferecida por ocasião do seu 99º aniversário.

Gadamer é indiscutivelmente, pelo menos do ponto de vista cronológico, o "filósofo do século". A reconstituição da sua longa vida por Grondin é, pois, a crônica de todo um século na qual a

vida pessoal, a vida acadêmica e a vida intelectual dessa figura tutelar da filosofia alemã contemporânea são acompanhadas no seu desenrolar quase quotidiano por entre as vicissitudes de uma das épocas mais agitadas da história do povo alemão.

Mas a figura de Hans-Georg Gadamer impõe-se também como um dos maiores e mais influentes pensadores do nosso século. Nesse sentido a biografia de Grondin nos faz assistir à gênese de uma obra monumental, hoje recolhida na sua maior parte nos 10 volumes das *Gesammelte Werke*. É esse um dos seus méritos inestimáveis. Também é de grande interesse a narração do itinerário acadêmico de Gadamer pelas Universidades de Marburgo, Leipzig, Frankfurt a. M., e Heidelberg, onde ensina há 50 anos, e o registro do seu diálogo pessoal com os grandes nomes da filosofia alemã, a começar por M. Heidegger, e que prossegue ininterruptamente desde a década de 20 até nossos dias. Nesse particular merece menção a atitude de Gadamer perante o Nazismo, bem diferente da do seu

mestre Heidegger. Como atesta Grondin em várias passagens da sua biografia, Gadamer repetiu sempre que "os Nazistas reais não despertavam nele nenhum interesse". Da "ilusão" nazista confessa ter sido salvo, primeiro em virtude da amizade que o ligava a muitos intelectuais judeus e, depois, pela convicção de que o fenômeno, por impressionante que fosse, teria existência efêmera; *et illud transit*, segundo repetia.

O livro de Grondin é ainda precioso pela atualizada bibliografia gadameriana que contém, e que completa a de Etsuro Makita *Gadamer-Bibliographie* (1922-1975). Tem ainda a autorizá-lo o fato de ter sido lido pelo próprio biografado antes da publicação e ter recebido seu pleno assentimento. Uma biografia como essa, rica em documentação e escrita por um reconhecido especialista em Filosofia hermenêutica, é um complemento de grande valia e mesmo indispensável à história de uma das mais importantes correntes filosóficas do século XX.

Luis Rohden
PUC-RS — Heidelberg

HELDER BUENOS AIRES DE CARVALHO,
Tradição e racionalidade na Filosofia moral de Alasdair MacIntyre, São Paulo: Unimarco Editora, 1999, 245 p.

A Editora Unimarco, sob a direção do Editor Prof. Marcelo Perine, inaugura com esse livro uma nova coleção de textos filosóficos que vem juntar-se às já existentes, comprovando o atual florescimento da bibliografia filosófica entre nós e a existência de um público leitor de livros de Filosofia que não se restringe ao mundo acadêmico, mas compreende também frequentadores de uma área que se torna de interesse

permanente no universo da cultura geral. Seja, pois, bem-vinda essa nova coleção de Filosofia, à qual auguramos o mais pleno êxito.

A obra que estamos apresentando tem todos os títulos para inaugurá-la brilhantemente. Apresentada originalmente como Dissertação de Mestrado no Curso de Pós-Graduação em Filosofia da FAFICH-UFMG, comparece aqui revista, ampliada e enriquecida bibliograficamente. A leitura é grandemente facilitada pela estrutura didática com que o tema é apresentado e que utiliza — o que é tradicional na literatura ética e vem desde Sócrates — a metáfora da cura médica, aqui aplicada à cura das debilidades do pensamento ético contemporâneo, para acompanhar o desenvolvimento da reflexão de MacIntyre. Temos, assim, três capítulos amplamente desenvolvidos: 1. o diagnóstico da enfermidade ética do nosso tempo através do sintoma da desordem na teoria e na prática; 2. o medicamento prescrito, a saber, o retorno ao ensinamento ético de Aristóteles; 3. a posologia indicada, que consiste fundamentalmente na restauração de uma certa tradição de pesquisa racional como paradigma da racionalidade ética.

Mas, por que Alasdair MacIntyre? O filósofo escocês radicado nos EUA assumiu indiscutivelmente, a partir do seu livro *After Virtue* (1981), uma posição de destaque no mundo filosófico anglo-saxônico, sobretudo no campo das discussões sobre a Ética. Ao preconizar, fundado numa argumentação ao mesmo tempo histórica e teórica, um retorno à ética aristotélica das virtudes e à sua releitura por Tomás de Aquino, bem como ao defender a especificidade de uma racionalidade ética, MacIntyre opunha-se frontalmente às teorias éticas dominantes no mundo anglo-saxônico, sobretudo ao chamado

"emotivismo", e ao predomínio quase exclusivo dos problemas de Metaética, que privilegiam as formas da *linguagem* ética em detrimento do seu *conteúdo*. MacIntyre integra, assim, o grupo de moralistas tendo à frente Elisabeth Ancombe que, a partir da década de 60, reivindicou no mundo filosófico anglo-saxônico o retorno a uma Ética *substantial*. Em face da grande polêmica que se levantou em torno das suas teses, MacIntyre retoma, aprofunda e corrige eventualmente suas idéias fundamentais, sobretudo nos seus dois livros *Whose Justice? Which Rationality?* [1988 (esse traduzido em português por Marcelo Pimenta, *Justiça de quem? Qual racionalidade?*, São Paulo: Loyola, 1991)] e *Three Rival Versions of Moral Inquiry* (1990). A discussão em torno das teses de MacIntyre, em particular sobre a pertinência e atualidade de uma *ética das virtudes*, apresenta-se hoje como um dos tópicos mais importantes da reflexão ética.

Ao que estamos informados, o pensamento de Alasdair MacIntyre tem encontrado pouco eco entre nossos estudiosos e mesmo a excelente tradução do seu livro *Justiça de quem? Qual racionalidade?* não teve a acolhida que se poderia esperar para uma obra que contribuiu para dar nova direção e propor novos temas a um dos campos mais importantes de pesquisa e discussão na vida intelectual do nosso tempo, como é o campo dos problemas éticos. O livro de Helder B. A. de Carvalho vem, pois, atender a uma carência sensível da nossa bibliografia filosófica. Escrito em estilo de exemplar clareza, introduz o leitor no centro dos grandes temas da reflexão de MacIntyre e é, nesse sentido, uma excelente introdução ao seu pensamento. Tem a enriquecê-lo uma bibliografia atualizada, um índice dos termos principais e um índice de nomes. É justo

ainda ressaltar, nesse primeiro livro da coleção da Unimarco, a elegância da apresentação e seu perfeito acabamento gráfico.

Henrique C. de Lima Vaz
CES-BH

NEWTON BIGNOTTO, *O tirano e a cidade*, São Paulo: Discurso Editorial, 1998, 186 p.

O fenômeno da *tiranía*, como é sabido, é um fenômeno político tipicamente grego e que só foi possível no contexto histórico da invenção da vida política pelos Gregos a partir do século VII A. C., concretizada nos quadros institucionais da *polis* e que constitui um dos episódios fundadores da descoberta grega da Razão. Nada tem a ver, por exemplo, com o fenômeno do chamado *despotismo oriental*, característico das grandes formações imperiais do Oriente e estruturalmente pré-político, e cuja influência só se exerceria diretamente no mundo grego depois das conquistas de Alexandre. Na medida em que a invenção do *político* deu origem a um paradigma ou a uma idéia reguladora — a sociedade política — que preside até hoje à evolução das sociedades ocidentais, a possibilidade da *tiranía* como "ideal negativo" do político, como mostra Newton Bignotto no seu brilhante ensaio, passa a ser um fundamental *topos* heurístico para a compreensão não apenas da essência do político, se assim se pode falar, mas igualmente das suas formas históricas e, antes de tudo, da forma *democrática*, que é propriamente a forma privilegiada na qual aquela essência vem tentando realizar-se através das vicissitudes, contingências e obscuridades da história. Desta sorte a reflexão sobre a *tiranía* passa a ser uma componente fundamental da Filosofia política e de toda análise sobre a natureza do político, e assim o

entenderam os escritores e pensadores gregos contemporâneos e expectadores da ação dos *tiranos*, cuja presença na vida política da Grécia constituiu para eles objeto de uma dramática interrogação e estímulo para uma reflexão até hoje não igualada, e muito menos ultrapassada, na sua profundidade.

É diante dessa exemplar leitura do fenômeno da *tiranía* na literatura e na filosofia gregas que nos situa o ensaio de Newton Bignotto, a ser colocado, sem favor, ao lado do clássico *Sobre a tirania* de Leo Strauss, não obstante a perspectiva diferente adotada. Na verdade Bignotto refaz, como indicam os títulos dos seus capítulos, o caminho a um tempo teórico e existencial seguido pelos escritores gregos, de Sólon a Aristóteles, na sua reflexão e julgamento sobre a *tiranía* e o *tirano*. Percurso de extraordinária significação humana, tanto pela riqueza do pensamento quanto pelo testemunho de uma experiência histórica que dificilmente encontra similar na nossa tradição. É assim que podemos acompanhar, conduzidos pela clareza do estilo, a erudição e a penetrante reflexão de Newton Bignotto, a evolução da leitura grega do fenômeno da *tiranía*, desde o aparecimento do tirano na aurora da transformação democrática da *polis*, no testemunho de Sólon e dos historiadores (cap. 1, A invenção do tirano), através da sua presença no ciclo trágico (cap. 2, O tirano trágico), até à fixação definitiva da sua figura e do seu julgamento irrecorrível em Platão, Aristóteles e Xenofonte (caps. 3, 4, O tirano trágico; A educação do tirano).

O livro do Prof. Newton Bignotto, como ele mesmo adverte na Apresentação, não é um livro sobre a história da tirania entre os Gregos, o que teria requerido outra metodologia e outro campo de pesquisa. É um livro de Filosofia política que realiza de modo exemplar o

que Hegel denomina "rememoração" (*Erinnerung*), uma forma de reapropriação de um passado histórico vivido e refletido que se torna parte essencial de uma experiência e de uma reflexão que se exercem no presente. É, pois, uma importante contribuição a uma teoria contemporânea da liberdade política que nos oferece Newton Bignotto. Não é o lugar aqui para uma análise mais pormenorizada das suas páginas. Baste-nos ter assinalado a importância desse texto do ilustre professor da FAFICH-UFMG, que não nos parece exagerado apontar como uma das contribuições mais significativas à bibliografia brasileira de filosofia política nos últimos tempos.

Henrique C. de Lima Vaz
CES-BH

JOSÉ MAURÍCIO DE CARVALHO. *Filosofia da Cultura: Delfim Santos e o Pensamento Contemporâneo*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1999. 21 x 14 cm., 150 pp. Coleção Filosofia, 85. ISBN: 85-7430-025-X.

Trata-se de um trabalho que surgiu cumprindo as exigências do Concurso para Professor nos Departamentos Acadêmicos da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei. De uma forma sumária, Carvalho apresenta em três capítulos o ideário do filósofo lusitano Delfim Pinto dos Santos (1907-1966). Examinando as principais questões filosóficas discutidas pelo pensador português, o A. lança um olhar cuidadoso sobre os temas culturais do pensamento contemporâneo. Resultado deste trabalho analítico é este pequeno livro sugestivo, claro, conciso e atual.

Segundo Delfim, o homem vai forjando a sua cultura ao desenvolver as diversas possibilidades espirituais que lhes são inerentes. Atribui valores às

coisas, cria condições melhores para viver e viver bem; em uma palavra, faz cultura. De fato, é impossível pensar a cultura sem referir-se àquele que a cultiva: o homem. O pensamento contemporâneo o resgata, como também resgata a luta por sua dignidade. Neste sentido, ganham ênfase os temas culturais que contribuem para o aperfeiçoamento moral dos indivíduos ou seu amadurecimento coletivo. O A., seguindo o pensador lusitano, termina por definir a cultura como atividade criadora do espírito humano. É este o conteúdo do primeiro capítulo.

Não menos interessante é o capítulo II, onde o A. confronta o pensamento de Delfim Santos com o pensamento de alguns autores contemporâneos, tais como Hartmann, Husserl, Heidegger e Ortega. Estes autores, cada qual a seu modo, exerceram influência sobre o ideário do pensador lusitano. Delfim conduz profundo diálogo com Hartmann, confirmando a intuição de que o método lógico rigoroso não invalida todo o passado filosófico. Resgatando o valor do passado pode-se pensar no futuro. Neste sentido, o que promove o progresso em Filosofia é o penetrar no sentido da problemática do ser, não o ser em geral, mas em especial o ser do homem com os problemas que o envolvem. No evoluir de seu pensamento Delfim enfrentou o denominado realismo crítico, problema tratado também por Husserl. Diferentemente de Husserl, Delfim enfatizou a importância do neopositivismo crítico, apontando os limites da ciência e de uma filosofia que a tinha por objeto. Daqui surge a crise da humanidade, que ao valorizar a tecnocracia, criou uma visão truncada do homem numa série de fatores desumanizantes. Com os olhos voltados para o Absoluto, Delfim vê a necessidade de conferir o primado aos verdadeiros valores - os do espírito, apanágio da cultura humana. A questão da Filosofia continuava, para

Delfim, a questão do ser, problema fundamental da Filosofia de Heidegger. Quanto à influência de Ortega, vale o reconhecimento da finitude humana como possibilidade de encontro com o outro. A descoberta do outro é a ponte utilizada por Delfim, para transitar da interioridade para o mundo da cultura. O envelhecimento e a morte constituem lições fundamentais, pois comprimem e enchem a vida de densidade exigindo que o homem faça o melhor a cada instante.

A parte mais relevante do livro encontra-se no capítulo III, que focaliza, de forma magistral, onze temas culturais momentosos da civilização hodierna. São eles: humanismo e religião; a ciência e a crise do homem; a ciência e a cultura; a linguagem e o homem; a ética e a cultura; o homem e as trilhas da liberdade; a cultura é atividade; a dinâmica da cultura; a técnica e a cultura; a educação e a cultura; e, por fim, a universidade e a cultura.

Jogando com as categorias de tempo, o A. enfatiza o lugar da ação do homem. Ele vive, pois, o presente. É no agora de sua existência que o passado e o futuro ganham importância. O principal da história é o seu agente, o homem. O grande desafio do nosso tempo é a humanização do homem. Para tanto, faz-se mister uma vocação pedagógica a serviço do homem (*humanismo*). Esta vocação passa pela *religião* que defende, valoriza e propaga os valores do espírito.

A absolutização da ciência levou ao esquecimento do homem. Os cientistas afastaram-se do compromisso com a verdade e com o futuro do homem; eis a raiz da crise moderna. A filosofia, com a sua função crítica, é proposta como instrumento de explicitação do ideal valorativo do homem. Neste sentido, ganha importância a linguagem. Ela propicia a interação e possibilita o que

chamamos de *disciplinarietà* e que se encontra na base do diálogo, essencial fundamento da presença humana. A especificidade da vida humana está nas suas possibilidades morais, na alternativa de aperfeiçoamento contínuo, no exercício do amor, na abertura ao outro... , na criação de uma cultura. O processo de edificação do sentido e implantação dos valores, que vai elaborando o tecido da cultura, é fruto da meditação e da genialidade de um sujeito concreto. A cultura é um contínuo palpitar de novas intenções, ideais, valores, etc. A técnica, como instrumento a favor do homem, não era incompatível com o projeto de humanização do homem. O que a torna incompatível é o seu uso hipertrofiado ou inadequado.

O A. percebe que esta análise desperitou em Delfim o sonho de uma cidade que moral e socialmente pretendesse realizar o ideal cristão da fraternidade na paz, a começar pelo próximo mais próximo, até o próximo mais longínquo. Reconhece que a situação contemporânea dificulta os compromissos morais. Reconhece também que o esforço individual ainda não promoveu uma sociedade eticamente organizada. Contudo, aposta no potencial humano e encontra luzes no ensinamento evangélico, que constitui um permanente convite ao encontro com o outro na dimensão do amor. É nesta direção que o homem deve ser educado. Educar significa trazer para fora, fazer aparecer o que reside dentro de cada um como valor de comunhão com os outros. A universidade deve cuidar da formação humana, contribuindo para tornar a cultura orientada para os valores do espírito, desafio amplo do próprio homem.

Para além do racionalismo, o pensador português enfoca a importância de um humanismo integral capaz de superar o individualismo e resgatar um relacionamento positivo com a alteridade. Neste processo de humanização surgirá uma cultura com base em dois princípios fundamentais: o da solidariedade e o da reciprocidade, que encontram ressonância na concepção cristã da fraternidade entre todos os homens. Eis, pois, o caminho de transcendência que poderá transformar esse modelo de sociedade brutal em uma sociedade marcada pelas relações respeitadas e humanizantes.

Carvalho, depois de traçar as linhas mestras do pensamento de Delfim, conclui o seu trabalho pontuando as lacunas ali existentes. Faz isso com muita propriedade, rigor, lucidez e perspicácia. Devido à brevidade com que as questões são tratadas, este livro será mais útil sobretudo para aqueles que já possuem um certo conhecimento de filosofia e que queiram aproximar-se do pensamento contemporâneo.

Quanto à apresentação gráfica, há alguns descuidos, dos quais são indicados aqui apenas estes: na p. 9 o uso de *pôr* em lugar de 'por', e 'Djagir de Menezes' em lugar de 'Djagir Menezes'; na p.15: 'Paz é Guerra' em lugar de 'Paz e Guerra'.

Por outro lado falta a esta obra, destinada ao público brasileiro, uma pequena biografia de Delfim Santos, acompanhada de breve histórico de sua produção filosófica, através da apresentação de suas obras no evoluir de seu pensamento.

José Roberto Filho